



Estudos Semióticos - número um (2005)

Corpos tatuados: preliminares a uma abordagem semiótica

Rodrigo TOFFOLLI de Oliveira (USP)

RESUMO: Esta comunicação tem como objetivo apresentar um panorama geral da tatuagem criminal (ou carcerária), a qual constitui o *corpus* principal de nossa pesquisa. Esboçaremos as primeiras classificações da tatuagem quanto a outros estilos (sumariamente, devido à exigüidade de espaço) e faremos, por fim, uma primeira organização de estudo semiótico para este assunto.

PALAVRAS-CHAVE: Tatuagem; Corpo; Semiótica.

ABSTRACT: *This communication has as objective to present a general idea of the tattooing criminal (or jail), which constitutes the main corpus of our research. We will sketch the first classifications of the tattooing how much to other styles (soon, had to the little space) and will make, finally, a first organization of semiotic's study for this subject.*

KEYWORDS: *Tattoo; Body; Semiotic.*

INTRODUÇÃO

Antes de começarmos a falar sobre a tatuagem carcerária, cabe-nos fazer uma rápida exposição sobre seus estilos. Uma das formas mais antigas de organização social, este tipo de marcação foi muito utilizado pelas sociedades mais primitivas como marcação etnográfica. Este estilo possuía valor documental e pode ser colocado no centro dos demais, pois era utilizado em rituais de passagem dos indivíduos dentro de seus grupos em sociedades que não dominavam a escrita. Caracterizava-se por motivações monocromáticas, abstratas e por uma taxionomia corporal fixa, com desenhos determinados socialmente. No Brasil, índios e negros foram os principais atores sociais que representaram a tatuagem como etnografia.

Na cultura européia, sobretudo a católica (representada por Portugal, Espanha e Itália), a tatuagem sempre foi vista com maus olhos, por profanar o corpo, segundo preceitos professados e também por ser uma herança pagã de cultos a divindades e rituais como a antropofagia. Compartilham da condenação a este modo de ablação corporal o islamismo e o judaísmo por princípios similares. No Brasil, a tatuagem sobreviveu não mais como adorno e sim como marca condenatória, principalmente, em períodos como a Inquisição. Antes disso, Roma já marcava os escravos com a tatuagem.

Assim, a tatuagem etnográfica representa um modo de marcação corporal que foi sendo substituído no Brasil a medida que essas culturas mais primitivas foram assimilando os padrões europeus. Até os idos de 1970, a tatuagem em geral era vista como marcação restrita à escória social e às camadas mais simples, representadas por marinheiros, presidiários, prostitutas, etc. O relato do médico Estevão BARREIROS (1913) vem confirmar esta afirmação: “A tatuagem é, pois, uma das formas por que mais o amor se exterioriza, principalmente no povo humilde” (pág. 46).

A tatuagem como recurso artístico é vista por muitos como a volta do homem moderno ao passado primitivo dos gentios, como forma contestatória, quando utilizada por movimentos de contracultura, ao sistema vigente.¹ Diferente da rigidez etnográfica, a tatuagem estética é policromática, permite ao indivíduo a escolha mais subjetiva do desenho a ser tatuado, bem como o local do corpo onde a tatuagem será impressa.

BREVE HISTÓRICO DO *CORPUS* DE MORAES MELLO

O acervo fotográfico de tatuagens do Museu Penitenciário Paulista (subordinado à Secretaria Estadual de Assuntos Penitenciários - SAP) constitui a base de nossa pesquisa. Nele estão registradas cerca de 1800 fotos de tatuagens que adornavam os corpos dos presos, entre 1920 e 1940, servindo como objeto de comunicação interna entre eles e entre os que faziam parte do Sistema Penitenciário, particularmente dos que passaram pela Penitenciária do Estado.

As imagens estão reunidas em 28 volumes e o responsável inicial por tal

¹ Por uma necessidade de concisão, fomos obrigados a suprimir deste artigo o histórico sobre a evolução da tatuagem e seus vários estilos. Tais informações podem ser obtidas no seguinte endereço: www.corpostatuados.blogspot.com ou pelo e-mail do projeto: corpostatuados@gmail.com

catalogação foi o psiquiatra José de Moraes Mello, o primeiro a trabalhar no sistema carcerário paulista, após a criação do referido presídio na primeira década do séc. XX. O acervo das tatuagens, ao lado das entrevistas médico-sociais, constituíam juntos o Laudo de Biotipologia Criminal – avaliação obrigatória a qual todos os ingressantes do sistema penitenciário eram submetidos periodicamente. Este aparato funcionava como acompanhamento correccional, social, fisiológico, psíquico – preconizado pelo Direito e pela Medicina da época, influenciados pelos estudos de Antropologia Criminal, baseado na supremacias de raças, cujo principal representante foi o italiano Cesare Lombroso, que acreditava que a tendência do indivíduo ao crime estava ligada às marcações que este fazia sobre a pele. Nestes arquivos, portanto, estão guardados relatos dos custodiados pelo Estado, bem como há imagens marcadas durante a vida na prisão e fora dela. Enquanto analistas de discurso, este material nos interessa, portanto, por refletir certos valores referentes a este grupo social formado por excluídos.

A catalogação científica das tatuagens carcerárias foi abandonada em 1940 e esta linguagem não-verbal resistiu, evoluiu e sistematizou-se aparentemente. É a busca da organização interna da tatuagem que nos interessa. Trata-se de um reflexo social.

A tatuagem, hoje, também é perfeitamente decodificada por agentes penitenciários, policiais, promotores e outros membros do aparato Judiciário. Assim, nosso objetivo na pesquisa é o de sistematizar a construção do significado dessas marcações e, por conseguinte, avançar na compreensão do ideário carcerário paulista através da relação dos presos com os demais grupos.

As imagens levantadas pelo médico Moraes Mello nos dão uma idéia de como o funcionamento da tatuagem carcerária clássica se orienta e qual era o retrato da massa carcerária paulista naquele momento. Vale lembrar que a Penitenciária do Estado foi formada como presídio modelo e guardava em seus muros indivíduos oriundos das mais diferentes partes do país e do mundo. Brasileiros, portugueses, franceses, militares, civis, vagabundos, etc., a gama de indivíduos que formam o sistema carcerário é multifacetada e, como resquício desse elemento formador, temos um código amplo que requer um estudo exaustivo.

O que nos interessa é, por meio de um recorte estabelecido, chegarmos a um estudo que privilegie os símbolos carcerários como são representados hoje. A Iniciação Científica é apenas o primeiro passo e sabemos que estamos longe de um estudo sistemático e abrangente sobre o assunto. Para chegarmos a ele ainda trilharemos muitos caminhos.

TATUAGEM CRIMINAL

A tatuagem criminal se caracteriza pela rigidez com que se constitui como linguagem. Assim como a marcação de cunho etnográfico, este estilo de tatuagem tem como função primordial incluir ou excluir um determinado indivíduo de um grupo, por meio da marca que este traz tatuada no corpo. Longe da democracia da tatuagem artística, a representação de símbolos criminais segue uma ordem rígida modificada de acordo com convenções internas ao grupo que a utiliza, prevê atribuição hierárquica e revela um forte código guiado não pela lei escrita, mas pela honra, tal qual o dos

canibais brasileiros. As marcações referentes ao mundo criminal têm semelhança com os processos de iniciação encontrados nas tribos primitivas brasileiras ou em povos “bárbaros” da Antiguidade. Paralela à ordenação da Lei, a tatuagem, enquanto linguagem constituída e articulada, rege o código de conduta próprio ao universo carcerário - o código moral e ao mesmo tempo paralelo as ordenações previstas pela Lei do Estado. Constitui não só uma intervenção cultural sobre o *continuum* representado pelo estado natural do corpo, como também a tatuagem utilizada neste sentido tem uma função classificatória, conforme aponta Marina Albuquerque SILVA (1991) “a necessidade de classificação e ordenação do mundo que o rodeia é o que dá ao homem a inteligibilidade de sua vida social” (pág.6). Estamos diante da dicotomia Natureza *versus* Cultura, difundida por Lévi-Strauss, no campo da antropologia.

A partir do momento que passa a existir como fenômeno cultural, a tatuagem criminal se espalha aos arredores, ou seja, passam a conhecer e comungar deste código representantes sociais que rodeiam este universo circunscrito à cadeia, tais como agentes penitenciários, policiais, jornalistas, juízes, promotores, além de toda a sociedade que comunga de uma proximidade maior com o universo delinqüente. Pensando em contemplar este amplo universo, propomos daqui por diante abordar a tatuagem feita no interior da cadeia como uma subclassificação da tatuagem criminal. Ou seja, a tatuagem carcerária compreende um universo restrito ao âmbito do cárcere, produzido e influenciado por relações estabelecidas lá. Quando essa linguagem ultrapassa os limites da detenção, estamos ligados ao ambiente criminal, não restrito aos presidiários.

Este discurso qualitativo e classificatório, oriundo das sociedades mais remotas, serve para ordenar a vida dentro da cadeia, assim como o mundo referente a ela fora de lá. Logo, esta pesquisa se tangencia outras manifestações marginais que têm o universo da criminalidade como substrato para produção. O exemplo que melhor poderia representar este universo seria o do *rap*, articulado, tanto dentro das cadeias, quanto fora delas.

A TATUAGEM CARCERÁRIA CLÁSSICA E SUA EVOLUÇÃO

A tatuagem carcerária, nos termos de SILVA (1991), constitui um código fechado, ou seja, feito para ser interpretado por iniciados ao universo da criminalidade. Quanto mais exposto for o local do corpo onde a tatuagem se articula, mais econômica em termos de elementos gráficos ela será, assim como mais enigmática. Ao falar desse aspecto da tatuagem carcerária feminina, a autora nos remonta ao estágio primeiro do material de Moraes Mello, em que as tatuagens mais comuns eram as de pontos, localizados no dorso da mão, identificando pertença a um grupo ou a tipo de delito em específico. Além dos pontos, eram comuns abreviaturas de nomes, emblemas, cruzes, num universo bastante restrito e limitado.

Nas imagens contidas abaixo, mostramos um detento catalogado pelo médico no início do séc. XX e, em seguida, outro já no Carandiru com os mesmos cinco pontos marcados, só que não mais no dorso da mão e sim no braço, conforme mostra a foto

colorida². Na seqüência apresentamos também abreviaturas e emblemas comuns aos presos nessa época, imagens recolhidas por nós junto ao acervo de Moraes Mello. Um inventário, de certa maneira, curto e mal construído esteticamente. Aqui, vale apontar o conceito do *scratch*, conforme aplicado por tatuadores profissionais hoje: ***Scratch: Cuidado! Tatuagens realizadas por amadores, com materiais precários e sem técnica, realizando assim um trabalho final de péssima qualidade. Não se tatue na rua ou com amadores, procure sempre um profissional experiente.***³

A tatuagem carcerária clássica não possuía refinamento artístico, devido às condições precárias de sua produção. Artisticamente, há quem se utilize do *scratch* como modo de produção artística que se aproxima muito a um desenho feito a mão livre sobre a pele.



Foto 1: *O de tatuagem scratch, um coração estilizado cortado por uma seta. Desenho comum na tatuagem criminal. Inicialmente, recordava amores, hoje em dia o significado dela, depende da orientação da seta que atravessa o coração. recolhido do acervo de Moraes Mello. A reprodução fotográfica é nossa.*



Foto 2: *Outra forma de demonstrar o amor era tatuando nomes ou letras. Nesta foto, o nome AMÉRICA revela o nome da amada e sua orientação, nos mostra que, provavelmente, foi o próprio detendo quem se tatuou – hábito comum também para a época. Além disso, os pontos e o outro tracejado mostram desenhos não acabados. Imagem recolhida do acervo de Moraes Mello. A reprodução fotográfica é nossa.*

² Ambas as fotos obtidas no site da escola de Administração Penitenciária, na parte referente ao Museu Penitenciário.

³ Definição retirada do dicionário de termos de tatuagem disponível em: <http://www.portaltattoo.com>



Fotos 3 e 4 (logo abaixo): Os pontos tatuados indicam pertença do preso a um determinado grupo. Nesta foto, os 5 pontos da mão direita indicam roubo e os 4 da mão esquerda furto. Imagem recolhida do acervo de Moraes Mello. A reprodução fotográfica está no site da EAP⁴.



Estas duas imagens mostram que a tatuagem carcerária clássica recolhida pelo psiquiatra nos primórdios da Penitenciária do Estado sobreviveu. Segundo Esmael Martins da Silva, em sua apostila de curso, feita em 2001, a forma abstrata dos cinco pontos caracteriza o praticante de roubo.



A visualização dos pontos na região das mãos, segundo SILVA (1991), reforça a hipótese de que o jogo em visualizar e esconder a tatuagem em certas partes como as

⁴ Vide: www.eap.sp.gov.br

⁵ Quadro exposto no site da Escola de Administração Penitenciária – EAP.

mãos tem por objetivo confundir o observador, uma vez que os pontos mantêm uma *relação simétrica* entre si. Um mecanismo, portanto, de preservação do código.

A autora aponta ainda para outras representações imagéticas da tatuagem criminal:

“as categorias de infração são representadas por emblemas ou figuras (cruzes-de-malta, suásticas, estrelas, escorpiões, etc), mas geralmente estão tatuadas em outros locais do corpo (braços, pernas e peito, etc)” SILVA (1991) pág. 9

A foto abaixo ilustra um indivíduo marcado por um revólver, representando um assaltante.



Uma pistola tatuada na perna, traduz o elemento praticante de assalto com morte.⁶

O processo de figurativização das tatuagens carcerárias, aos poucos, vai prevalecendo sobre os motivos abstratos, que, embora ainda resistam, são bem menos freqüentes que as cruzes, as armas, as teias de aranha, entre outras tantas figuras que a tatuagem carcerária manifesta.

“As tatuagens figurativas possuem e exibem uma maior preocupação plástica que as abstratas ou as do alfabeto, contendo, à primeira vista, um maior número de informações: informações mais densas, pois afastando-se da informação fria da atividade ou direta e inequívoca do pertencimento, trabalham também com o imaginário social, atribuindo qualidades, características e poder” (SILVA, 1991, pág. 10).

A autora, por fim, organiza a tatuagem segundo categorias: + *visível* / + *econômica* opondo a isso + *ocultamento* / + *denso*.

Sobre a afirmação de que o elemento figurativo é mais denso e trabalhado que o abstrato, temos como exemplo a figura de Nossa Senhora Aparecida e sua polissemia.

⁶ Foto e significação reitradas do site da Escola de Administração Penitenciária. Significação dada por Esmael Martins da Silva (2001).

O material de Esmael Martins da Silva nos traz a referência. Acompanhe:



“Imagem de N. S. da Aparecida, tatuada no peito ou nas costas em tamanho pequeno, significa símbolo de proteção e esperança dos presos. Tatuada em tamanho grande, acima da metade e bem ao centro das costas identifica preso que foi violentado durante o cárcere, e ao mesmo tempo marca um estuprador” (Esmael Martins da Silva, 2001)⁷.



Na foto, a representação da santa no braço tem o significado de periculosidade do indivíduo portador. O diretor do museu nos explicou em comunicação oral que esta representação é oriunda das marcações dos escravos. “Nossa Senhora representada desta maneira da foto mostrava, ao mesmo tempo, devoção à santa e resistência de seu portador ao martírio sofrido na escravidão. Na criminal, foi incorporada com sinal de distinção daquele que a carrega grande no peito, ou pequena nos braços e nas costas. No primeiro caso, temos um elemento ordenador das questões internas dos presos, ou seja, um líder e no segundo caso, um indivíduo caracterizado pela periculosidade. Se a imagem aparecer grande nas costas do indivíduo o significado muda por completo: o sinal, antes, de distinção, passa, então, a representar a marca pejorativa do estuprador, martirizado (estuprado) no cárcere”, afirma o diretor.

Como se pode ver, a orientação do suporte, neste caso o corpo, bem como o tamanho da imagem e sua representação nos interessam na articulação do significado da tatuagem criminal. Sobre este aspecto deveremos nos debruçar com maior atenção durante nossa pesquisa.

A respeito da imagem figurativa representar elementos do ideário social, alguns exemplos recentes mostram que a tatuagem carcerária e criminal hoje tenta se

⁷ Disponível no site da Escola de Administração Penitenciária, na seção do Museu Penitenciário.

⁸ Imagem disponível em www.eap.sp.gov.br

aproximar ao máximo da artística, no que se refere aos traços e ao melhoramento de sua composição, bem como aos motivos que representa.



Foto 5: Diferente do *scratch* “clássico”, a tatuagem criminal de hoje em dia, busca misturar elementos, cores e ideários. Na foto, um preso acusado de homicídio contra policiais, exhibe o boneco Chuck empunhando o punhal que atravessa um coração. O punhal atravessando um crânio humano ou coração é o símbolo clássico do matador-de-polícia, como são conhecidos internamente esses homicidas.



Foto 6: A Cruz de Caravaggio e o crânio humano tatuados nas costas sincretizam devoção do preso à sua fé – através de um pedido de proteção contra mau olhado, bem como apontam para a periculosidade dele.

O melhoramento estético e a complexificação na tatuagem carcerária fizeram com que nós formulássemos a necessidade de separar os estilos carcerário e criminal. Nossa hipótese é a de que o melhoramento no significante da tatuagem carcerária seja resultado de um processo de identidade do indivíduo em relação ao grupo e que os símbolos carcerários não sejam representados mais somente de dentro da cadeia, com a composição precária inicial, limitada a pontos, abreviaturas, nomes entre outros.

Estas modificações no significante juntas refletem uma tentativa de aproximar o significante carcerário e/ou criminal do estilo de composição artístico. Notamos que mesmo os desenhos clássicos da tatuagem criminal, como os cinco pontos, representados no braço deixaram de ter a articulação clássica que era feita no dorso das mãos. Este pode ser um indício de flexibilização na articulação do código da tatuagem no mundo criminal. Seria esta uma grande hipótese a ser confirmada: a influência do

⁹ Foto retirada do acervo do Museu Penitenciário disponível na internet.

estilo artístico sobre o criminal, quando este estilo marginal tenta se aproximar do código socialmente aceito hoje. Esta aproximação pode se dar ao nosso ver por duas finalidades: confundir quem olha e expandir o código criado na cadeia para fora dos limites dela.

Pensando nessas possibilidades, esboçamos uma primeira tentativa de arranjo de todo este material, de acordo com a Semiótica francesa. Buscamos em Hjelmslev (1977), as primeiras relações de como a função semiótica acontece.

	Plano da Expressão	'desenho de uma 'faca'
Função Semiótica:	_____	_____
	Plano do Conteúdo	'faca'

Enquanto lidamos com esquemas deste tipo, colocado acima, temos o uso corriqueiro (comum, ordinário) da linguagem, ou seja, seu sentido denotativo. Um exemplo hipotético, de denotação seria, então, o 'desenho' de uma faca' no plano da expressão, significando o termo 'faca' no plano do conteúdo.

Se, hipoteticamente, consideramos que na manifestação criminal da tatuagem, à esta relação entre Plano do Conteúdo e Plano da Expressão, acrescentou-se o sentido de *assassino*, por exemplo, temos a inserção de um novo Plano do Conteúdo a essa função, o qual passará a reger toda a função anterior, ou seja, o desenho e o seu significado juntos, passarão a significar *assassino*, portanto, uma nova entrada lexical de serventia restrita a um grupo. Temos, aí, o exemplo de uma conotação.

Este processo da construção de uma Semiótica Conotativa parece ser o mais comum recurso utilizado na construção de novos sentidos para desenhos do mundo da tatuagem criminal, uma vez que ela se apropria de objetos do mundo para a construção de seu ideário. Exemplo disso é o boneco Chuck (foto 5, acima). Segundo esta manifestação, o personagem de um filme de sucesso há pouco tempo, significa um "matador de policial". Em sua mão está um punhal, que atravessa um coração estilizado. Essa representação identifica o matador de policiais, que, originalmente, era representado por um crânio, também atravessado por um punhal, como descreve Esmael Martins da Silva, em sua apostila:



Identifica um matador de policiais.

Embora não seja totalmente livre a possibilidade de se aplicar ao signo existente um novo conteúdo, a liberdade de construção dele é relativa. Uma vez convencionado por um grupo determinado (em nosso caso os detentos), o signo se fecha, para passar a funcionar como signo conotado, passível de reconhecimento por seus iniciados. Ao se utilizar de um determinado personagem de sucesso momentâneo,

este tipo de representação parece estar apontado não mais só para o ideário interno dos presídios, como também ao mundo exterior. A manifestação da construção desse significante revela não só uma atualização lexical, como também uma sincronia em relação às coisas do mundo.

Os livros sobre tatuagem artística, por sua vez, atribuem a este estilo de tatuagem um caráter denotativo apenas, ligado a uma apropriação não sistêmica:

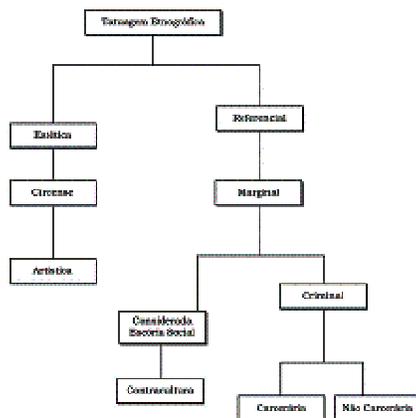
“A tatuagem contemporânea, enquanto procedimento, parece ter alcançado uma universalidade ocidental, mas a construção de uma equivalência semântica com as imagens apropriadas não é sistêmica, mas subjetiva. Não tem preocupações com a objetividade.” (RAMOS, 2004, Revista Senac, no Prelo).

O gosto (a “moda”) parece reger o ato de se tatuar, o que tatuar, onde tatuar e como tatuar, na tatuagem artística. Já na carcerária, o processo parece ser justamente o contrário: totalmente sistemático, uma vez que embora esteja se apropriando de objetos do mundo exterior à criminalidade e ao cárcere, tais objetos são forçadamente convertidos a um uso restrito, cuja finalidade já era previamente determinada – por exemplo, tipificar uma modalidade de crime.

A tatuagem artística parece apontar para o que Jakobson chamou de Função Poética da linguagem, enquanto que a Criminal parece pôr em destaque a Função Referencial. Porém, os recursos empregados na construção da expressão do significante da tatuagem criminal parecem apontar para uma tentativa de diminuição da distância que há entre o estilo *scratch* e o artístico articulado livremente e mais elaborado, segundo suas composições técnicas.

Assim, nosso trabalho de contraste entre tatuagens artísticas e criminais visa verificar de que maneira se processa esta construção de sentido de cada um dos estilos. Quais são os recursos utilizados na construção de cada um desses estilos.

Dessa maneira, partindo do princípio de que a tatuagem etnográfica reunia em si traços, motivos, finalidades, entre outros aspectos, que hoje encontramos nas manifestações criminal e artística, propomos, então, um quadro de organização geral da tatuagem, a partir das representações primitivas para que mais à frente as apropriações e influências de estilo sejam melhor evidenciadas.



Feito este esboço geral da organização das manifestações da tatuagem – etnográfica, artística e criminal, partimos para as considerações finais, com um balanço rápido dos seis meses que passaram e as perspectivas para os seis meses restantes.

Neste primeiro semestre, ficamos de certa forma ocupados com as fontes que cercavam nosso objeto. Tudo que nos chegava era válido, como fonte de informação, uma vez que de início nada tínhamos sobre a tatuagem. Isso fez com que os estudos sobre teoria semiótica e o recorte de nosso *corpus* ficassem para a segunda etapa da pesquisa, etapa em que já estamos mais seguros do objeto que temos em mãos.

Colocada a classificação dos estilos de tatuagem, esboçado também um modelo evolutivo e cercadas as fontes que tratam ou já trataram deste objeto, cabe-nos, nesta segunda etapa de pesquisa que se inicia, sermos mais objetivos e seletivos, focalizando-nos mais na metodologia escolhida – a semiótica plástica, utilizando-nos das ferramentas que ela desenvolveu para tratar dos enunciados visuais.

Estaremos, então, iniciando à análise do plano da expressão de figuras planas ou bi-dimensionais, tal qual nas nomearam Greimas e Floch. A fotografia e a pintura são as principais manifestações deste tipo de enunciado visual sobre o qual os estudos de semiótica plástica têm se debruçado, desde seu início, nos anos de 1980.

Utilizar-nos-emos dessa metodologia, para transferi-la à análise da tatuagem, no que se refere à análise da constituição dos significantes, sem deixarmos de levar em conta, no entanto, os aspectos discursivos que implicam a construção deles e que também devem ser contemplados em nossa pesquisa sobre tatuagem.

Na medida do possível, buscaremos articular estes dois eixos da análise Semiótica, na observação do objeto tatuagem, uma tarefa que promete ser árdua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARREIROS, E. J. *Tatuagem e Destatuagem*. Porto Alegre, 1913. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina de Porto Alegre.
- BASTOS, A. T. *A tatuagem nos criminosos*. Porto: Tipografia de Arthur José de Souza & Irmão, 1903.
- FLOCH, J. M. “Semiótica plástica e linguagem publicitária: análise da campanha de lançamento dos Cigarros *News*”. Trad. José Luiz Fiorin. In: *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, São Paulo, 1987, n.º 6.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Abril, 1978, série Os pensadores, 2ª Edição.
- MARQUES, T. *O Brasil tatuado e outros mundos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MÉTREUX, A. *A Religião dos Tupinambás*. São Paulo: EDUSP, 1979.
- RAMOS, C. M. A. *Teorias da tatuagem: o corpo tatuado: uma análise da loja Stoppa Tattoo da Pedra*. Florianópolis: UDESC, 2001.
- _____. “*Tatuagem e Globalização: Uma incorporação dialógica em tempos de globalização*”: In: *Revista Senac*, São Paulo, 2004.
- SILVA, M. A. “As tatuagens e a criminalidade feminina”. In: *Cadernos de Campo* (Revista de Pós-Graduação em Antropologia Social), São Paulo, 1991, FFLCH/USP, ANO I, n.º1.

Como citar este artigo:

TOFFOLLI, Rodrigo de Oliveira. Corpos tatuados: preliminares a uma abordagem semiótica. **Estudos Semióticos**, Número 1, São Paulo, 2005. Disponível em <www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Acesso em "dia/mês/ano".